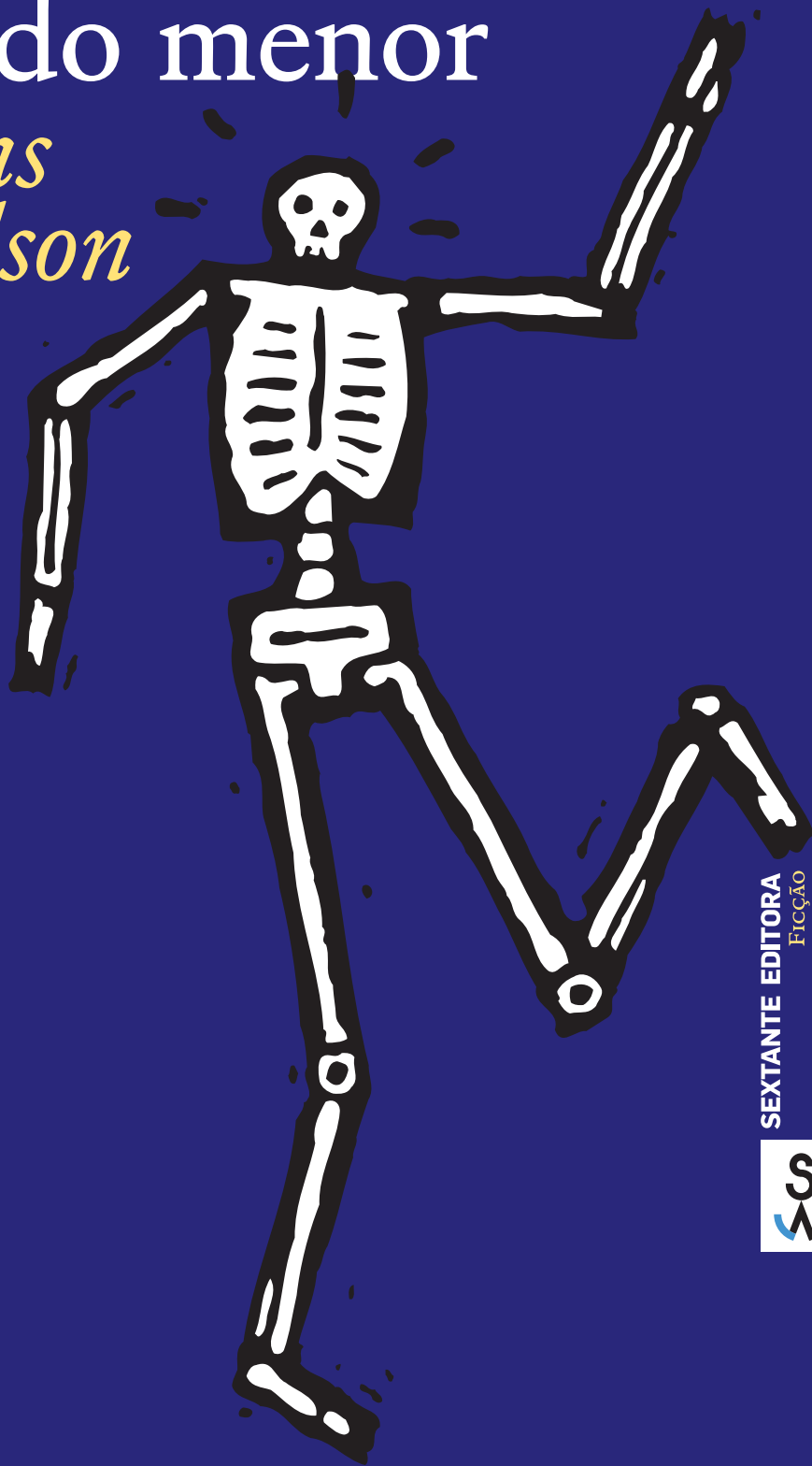


Comédia em modo menor

Hans Keilson

ROMANCE



SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



Comédia em modo menor

Hans Keilson

Traduzido do alemão por
Carlos Leite

SEXTANTE EDITORA
Ficção



Comédia em modo menor

Hans Keilson

Título original: *Komödie in Moll*

1.ª edição: Querido, Amesterdão, 1947

Edição revista: © S. Fischer Verlag GmbH, Frankfurt am Main, 1995, 2005

© Porto Editora, 2015

Design da capa: Blue Hub Design

Imagem da capa: © Depositphotos

1.ª edição: fevereiro de 2015

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Distribuição **Porto Editora**

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

Execução gráfica **Bloco Gráfico, Lda.**
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 386224/14
ISBN 978-972-0-07165-1



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Para o Leo e a Suus, em Delft

– Cá estão eles outra vez – disse de repente o doutor e endireitou-se. Inesperadamente, como as suas palavras, havia penetrado no silêncio da câmara-ardente o som dos motores dos aviões. O doutor lançou a cabeça para trás, semicerrou os olhos e pôs-se à escuta.

Como se, algures num canto escondido da casa, um pequeno dínamo tivesse sido posto a trabalhar e as rotações aumentassem rapidamente, assim se ia tornando cada vez mais forte o zumbir das esquadrihas noturnas que se aproximavam. Também podia vir da cave, foi o que pareceu ao princípio, ou da casa do lado... Mas eram os bombardeiros noturnos que se anunciavam, não havia dúvida. Vinham de Inglaterra em grandes formações, entravam pela praia que fazia barreira ao mar do Norte, apenas a alguns quilómetros daqui, lançavam os seus foguetes luminosos, que deviam sinalizar a rota de entrada na Holanda aos aviões que viriam a seguir, e desapareciam na noite pela fronteira oriental. Algumas horas mais tarde, noutro ponto mais a norte ou mais a sul, ouviam-se na viagem de regresso. O rumor afastava-se em direção ao mar.

Também o homem e a mulher, que estavam de pé junto à cama sem saber o que fazer, como acontece quando sentimos medo e tristeza ao mesmo tempo, ergueram ligeiramente o olhar e escutaram com atenção.

– Assim tão cedo – murmurou o doutor entre dentes.

Wim olhou-o de soslaio, desconcertado, como se não tivesse percebido bem o que ele queria dizer.

Os primeiros tiros de artilharia da noite eram secos, abafados, contrastavam estranhamente com o som subtil, quase musical, dos aviões. Os vidros das janelas tiniam e as portas abanavam, a casa inteira, de construção algo frágil, respondia às explosões com uma leve tremura. O início, por mais que uma pessoa se habituasse, era sempre inquietante.

Março chegava ao fim, os dias estavam a crescer. Quando o doutor chegou, às sete horas, lá fora ainda era dia claro.

Contudo, tal como fazia havia meses, Marie mantivera às escuras o quarto do primeiro andar onde «ele» vivia. O sistema de cordões e ganchos era bastante complicado. Preferia ser ela própria a fazê-lo pois temia que da rua pudessem vê-lo... um cuidado algo exagerado pois não tinham ninguém em frente.

A casa ficava na zona ocidental da cidade, numa rua de casas iguais, de construção recente – sala de estar, sala de jantar e a cozinha no rés do chão, três quartos com casa de banho no andar de cima e as águas-furtadas assoalhadas –, viradas para um parque, atrás do qual, interrompido por canais e diques, se estendia até ao horizonte o incomensurável Westland, com as suas estufas e as suas terras de pasto despovoadas pela guerra. Depois era o mar e as brumas. Aí, a noite prateada unia a terra, o céu e a água num arco resplandecente.

A cerimónia de ocultar toda a luz do quarto todas as noites fazia parte de um conjunto de medidas preventivas de segurança, acordadas com o desconhecido no próprio dia em que entrara em sua casa. E assim, quando ele adoeceu, Marie redobrou de escrúpulos na execução do ritual, com a sensação indefinida de que, doente, o homem representava um perigo maior do que são.

Havia duas semanas mais ou menos que estava de cama. A febre tinha-lhe trazido a cor ao rosto e arredondado as feições, depois de um ano inteiro, dia após dia, encerrado neste quarto lhe ter feito perder os derradeiros vestígios de vida. Nestes últimos dias quase já não dissera uma palavra. O fim estava próximo.

Quando, à noite, Marie acendia a luz no quarto, ele virava a cara para a parede, um hábito que cedo adquirira. Com a passagem da luz do crepúsculo para a luz mortíça da lâmpada elétrica, o aspeto dele tornava-se lívido, de pergaminho. Mas o corpo debilitado permanecia rígido e imóvel debaixo dos cobertores de lã. A lâmpada pendurada a meia altura no centro do quarto projetava mais sombras do que luz.

Desde que viera refugiar-se em casa deles, tinham trocado a lâmpada por outra de menos velas, para pouparem. E, além disso, cobriam o quebra-luz, de uma cor branca leitosa, com um lenço azul para amortecer ainda mais o brilho da luz.

Wim e Marie não eram criaturas timoratas. Quando tomaram a decisão de esconder uma pessoa em casa, viram claramente o risco que estavam a assumir... até certo ponto, tanto quanto se pode avaliar um risco *a priori*. Pois o risco pertence à categoria das «surpresas», e estas, porque são surpresas, não se podem prever de antemão.

E se lhe desse para abrir a janela de dia e pôr a cabeça de fora? Ou acender a luz durante a noite, depois de abrir as cortinas? Não como um desafio ou para lhes pregar uma partida de mau gosto... Seja como for, com uma pessoa naquela situação, nunca se podia saber se de um momento para o outro ela não faria uma asneira. Bem vistas as coisas, não é brincadeira nenhuma passar doze meses, ou mesmo mais, fechado num quarto, de livre vontade, sozinho, com o perigo sempre presente, sentado ou a andar de um lado para o outro... de pantufas, naturalmente.

Pois, por nada deste mundo, nem a mulher a dias, que vinha meio dia duas vezes por semana, nem os vizinhos podiam vir a saber que havia alguém escondido de maneira permanente no primeiro andar, embora, «graças a Deus», todos eles fossem pessoas em quem se podia confiar. E quem sabe se nas casas deles não havia também alguém que andava de um lado para o outro dentro de um quarto, de pantufas, e seria bom que não mostrasse o nariz à porta durante todo o dia? Enfim, era melhor não falar dessas coisas. Corriam tantos boatos...

– Ninguém pode saber, estás a ouvir-me?... É só com esta condição – tinha dito Marie nessa altura.

– Claro – respondera Wim, numa voz calma –, ninguém vai saber, nem é preciso dizê-lo. Mas tens de pensar tudo muito bem, há muita coisa em...

– Está tudo pensado – contrapôs Marie. Wim já devia saber que ela não fazia nada sem pensar... – Ninguém, nem mesmo Coba.

– Nem mesmo Coba, de acordo – reforçou Wim.

Coba era a irmã dele. Vivia perto deles, num prédio na periferia, a meia hora de elétrico. As duas mulheres davam-se perfeitamente. Coba vinha visitá-los com tanta

frequência que acabaria por ser impossível ocultar-lho. E depois, porquê guardar segredo com Coba?... Mas Wim tinha dito «de acordo». O tempo o diria. Ao fim e ao cabo, todas as situações evoluem.

– E Erik? – prosseguiu Marie.

– Erik? – perguntou Wim, atónito, e repetiu: – Erik? – Não havia dúvida, ela estava com medo. Vinham-lhe à mente os nomes mais disparatados. – Sim, pois, como te veio à ideia? Desde que nos casámos que não... Um momento... – disse, enquanto pensava. – Creio que estive cá em casa uma vez. Mas com ele não temos de nos preocupar... Em contrapartida, que fazemos com a tua mãe?

Marie estremeceu.

– Ainda não tinha pensado nessa possibilidade... – passou as duas mãos pela cabeça e alisou outra vez o cabelo, embora não tivesse nenhuma madeixa solta... – Sim... sobretudo se tivermos visitas... Como irá a minha mãe reagir?

– Queres contar-lhe, então?

– Se ela vier passar algum tempo connosco, Wim, é evidente que lhe conto tudo.

– Não me parece assim tão evidente – respondeu Wim e ajustou a gravata.

A primeira vaga de aviões sobrevoava agora as casas da rua.

Estavam os três imóveis na mesma posição, algo encolhidos – completamente livre nunca ninguém se sente –, com a cabeça ligeiramente descaída para o lado; as explosões, que agora se sucediam com breves intervalos, faziam com que os músculos da nuca se contraíssem por causa da tensão com que escutavam e do perigo que ribombava sobre as suas cabeças, fazendo tremer toda a casa, como

se esta vivesse uma situação de expectativa e incerteza. Os motores roncavam com força. Aquelas formas artificiais de estrutura de aço e chapa ondulada, chamadas a uma rígida e fugaz vida alada, enchiam o céu e a terra com o bater do seu férreo pulso.

Aqui, neste quarto, morria um homem.

«Cá estão eles outra vez...», as suas palavras sempre tinham sido estas. Às vezes, quando ainda jantavam todos na sala – era o único momento do dia em que, segundo o acordo, ele descia ao rés do chão –, lançava a cabeça para trás subitamente, de modo que as suas narinas hirsutas ficavam bem visíveis por baixo da cana encurvada do nariz, e, de boca cheia, plantava os talheres em cima da mesa ao mesmo tempo que pronunciava estas cinco palavras: «Cá estão eles outra vez!», como se estivesse à espera deles.

Se se atrasavam e já estava no quarto, ou mesmo já na cama, soerguia-se e proferia a fórmula no quarto silencioso.

Dos três, era ele sempre o primeiro a ouvi-los.

Wim não se deixava impressionar.

– Ah, sim – respondia, mais a perguntar do que a concordar. Mas sem tão-pouco mostrar diretamente que duvidava ou não acreditava. Antes com aquela maneira educada e algo indiferente com que se deixa em suspenso um assunto que teoricamente é possível num qualquer momento futuro, mas não exatamente agora. Em todo o caso, não interrompia o jantar por causa disso.

– Sim – dizia Marie e hesitava, com o garfo com comida na frente da boca. – Sim, Nico tem razão... não ouves? – E espetava a faca no ar.

– Tão cedo, hoje – prosseguia Nico e via as horas no relógio na parede em frente. – Sete e dez. – Brilhavam-lhe

os olhos porque os ouvidos o não tinham traído. O zumbido tornava-se mais forte. Agora Wim também os ouvia.

Os primeiros tiros de artilharia da noite eram secos, abafados, contrastavam estranhamente com o som subtil, quase musical, dos aviões. Os vidros das janelas tiniam e as portas abanavam, a casa inteira, de construção algo frágil, respondia às explosões com uma leve tremura. O início, por mais que uma pessoa se habituasse, era sempre inquietante.

– Querem voltar cedo para casa, passa-me as batatas, Marie, se fazes favor – dizia Wim. Esta explicação seca satisfazia-o e sentia que com ela o mundo se desembaraçava de uma situação pouco interessante. – Comam, que arrefece!

– Não, Wim, não – respondia Nico, um pouco irritado, como se para ele se tratasse de uma questão existencial, e deixava cair a cabeça para a frente, de bochechas cheias. – Não, há uma razão para isto... têm um longo voo pela frente, percebes? Talvez Berlim ou... claro, só pode ser Berlim, estamos mesmo no corredor aéreo direto de Berlim. – Falava com tal convicção que parecia que tinha participado ativamente nos planos dos bombardeamentos daquela noite.

– E como te correu o dia hoje, Nico? – perguntava habitualmente Wim, acabando, sem cerimónias, com todo este tema de Berlim.

E Nico respondia no mesmo tom amistoso: – Bem, Wim, obrigado, estou satisfeito, sou bem tratado. Estudei um pouco as minhas línguas, o inglês, o francês... – ou o que quer que tivesse feito nesse dia.

– E quantas partidas de xadrez ganhaste?

Pois jogava xadrez, não especialmente bem, mas com um entusiasmo a toda a prova.

Quando Nico tinha um bom dia, respondia a esta pergunta obliquamente maliciosa com uma resposta semelhante, algo como: – Nenhuma, Wim, nenhuma, hoje o meu adversário era demasiado forte para mim...

Jogava sempre contra ele próprio. Passava horas e horas no quarto, sentado à mesinha quadrangular, com o tabuleiro à frente. A cadeira em frente estava vazia... e2-e4, e7-e5, Cc3, etc. Muitas vezes, passava longos períodos sentado, com a cabeça apoiada numa mão, a pensar profundamente. Num problema de xadrez? Ou num?...

No dia seguinte, custava-lhe muito esperar pelas cinco da tarde e que Marie subisse ao primeiro andar com o jornal.

Ocultado pelas cortinas, espiara a mulher que distribuía o jornal e viu-a atravessar rapidamente o jardimzinho da frente da casa. Muitas vezes saía imediatamente do quarto – de chinelos, claro, como acordaram ao princípio – para, debruçado sobre a balaustrada, poder ouvir o jornal ranger ao ser forçado a entrar na ranhura do correio e depois cair sobre o chão de pedra. Os segundos que se seguiam eram com frequência os mais ricos de emoção de toda a sua vida de recluso. Compreendiam isto verdadeiramente, os seus anfitriões?

Permanecia de pé no último degrau do topo, à espera, até que, pouco depois, Marie aparecia, vinda do seu quarto, onde a esta hora do dia costumava ocupar-se com os seus trabalhos de costura, e pegava no jornal. Desdobrava-o, lia os títulos – mentiras!, só mentiras!, mas que se pode fazer, tem de se ter um jornal, nem que seja para embrulhar as compras da mercearia –, dava-lhe a volta, lia as notícias da sociedade, os falecimentos, os noivados,

os nascimentos – naturalmente, mesmo em tempo de guerra as pessoas continuam a amar-se e nascem crianças –, e então, sempre a ler, subia as escadas.

– Nico – chamava, numa voz tão baixa que seria impossível de ouvir mesmo por alguém que estivesse à escuta; só ele a poderia ouvir; ela sabia que estava à sua espera no alto das escadas. – Nico, tinhas razão mais uma vez, afinal...

Dar-lhe estas pequenas alegrias era um prazer.

Contudo, às vezes acontecia que Marie se esquecia do jornal e Wim era o primeiro a pegar nele quando chegava do escritório. Ou então ela tinha ido às compras quando entregavam o jornal.

Então Nico sentava-se nas escadas e travava um difícil combate consigo próprio sobre se não podia com muita cautela, muita cautela... podia também descalçar os chinelos e descer de meias, já não seria tanto barulho, certamente... ou escorregar pelo corrimão abaixo, como quando era miúdo... sabia exatamente que degraus rangiam, o terceiro e o quinto do primeiro lanço a contar de cima, e o primeiro e o quarto do segundo.

Mas, no fim, não se atrevia. Ainda que estivesse convencido de que ninguém, ninguém em todo o mundo poderia ouvi-lo... Ia contra o acordo, por isso não o fazia. Era quase de mais para as suas forças. Ninguém sabia que batalha o dilacerava por dentro.

Nico então apressava-se a pensar noutra coisa, nos tormentos, no horror a que sem dúvida não teria podido fugir mas a que escapara para vir cair noutra forma de tortura. Murmurava para si mesmo: – Em todo o lado nos esperam o tormento e o horror. Em todo o lado.

Ao fim de algum tempo levantava-se e arrastava-se até ao seu quarto...

– Bem, bem – disse o doutor quando os fortes estrondos da defesa antiaérea se ouviram mais próximos. – Estas não são de pólvora seca.

Por cima das casas passavam, numa linha sem fim, os bombardeiros noturnos. Parecia que atravessavam todos os compartimentos da casa ao mesmo tempo.

O doutor olhou alternadamente para a mulher e para o marido, sentiu que reprimiam o medo da morte que se aproximava ora calma ora ruidosamente, e observou as sombras que a lâmpada projetava no teto amarelado.

Então voltou a debruçar-se sobre a cama e apalpou com os dedos o corpo, que tinha já começado a arrefecer.

Wim tinha cruzado as mãos atrás das costas e olhava fixamente para o chão. «Temos de o enterrar», pensou, «é evidente, não pode ser doutra maneira, há que enterrar os mortos. Mas como?...»

– Uma noite como esta no abrigo antiaéreo, enquanto a casa se desmorona por cima duma pessoa...

O doutor não terminou a frase. A morte é a morte e morrer pode-se morrer em qualquer lado. E viver também?...

Marie pôs a mão ternamente no alto rebordo curvo dos pés da cama. Para ela, era como tocar no próprio morto. Olhou para ele. De barba por fazer e com os traços muito vincados, tinha os olhos fechados. O cabelo, despendeado, caído sobre a testa ossuda e curta, era preto, as patilhas, que se tinham tornado exuberantes durante a doença, tinham um brilho avermelhado. A boca flácida e entreaberta e o queixo algo descaído conferiam ao rosto marcado pelo sofrimento uma forma mais oval. Parecia tão velho! Tudo isto e as recordações que tinha de Nico, o homem que escondera em casa, combinavam-se numa

determinada associação de ideias no seu espírito. Era estranho que nunca lhe tivesse ocorrido enquanto vivia. Não podia deixar de pensar na Bíblia, embora não tivesse nenhuma inclinação religiosa, no Velho Testamento, de cujo povo ele era filho. Pensou que Job poderia ter tido este mesmo aspeto.